MONÇÕES
REVISTA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UFGD

DOI: 10.30612/rmufgd.v11i21.16530

Entrevista com Jacqueline Braveboy-Wagner

Entrevistadora:

Mariana Kalil
Professora Adjunta na Escola Superior de Guerra (ESG)
Rio de Janeiro, RJ (Brasil)
E-mail: mariana.kalil@esg.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-1302-8339

Resumo: Jacqueline Braveboy-Wagner é Professora Emérita da City University of New York (CUNY). Além de seu trabalho de pesquisa especializado em política externa, diplomacia e desenvolvimento, particularmente com relação a pequenos estados (e especificamente estados caribenhos), a Prof. Braveboy-Wagner também foi a primeira mulher caribenha a servir como presidente da Associação de Estudos do Caribe (1992 -3), e atuou como representante das ONGs das Nações Unidas da International Studies Association de 1995 a 2010. Ela também foi uma das fundadoras do Global South Caucus da International Studies Association (GSCIS) em 2012.

Palavras-chave: Sul Global; RI Global; RI do Sul Global

Como você descreve a ideia de Sul Global nas Relações Internacionais?

Não é só uma questão de existir um Sul Global nas relações internacionais (ri) ou, eu presumo que ao usar as maiúsculas vocês queiram dizer no estudo das relações internacionais. Para mim, há um Sul Global num contexto territorial muito real. Eu não me importo muito se o nome mudou de "Terceiro Mundo" ou "menos desenvolvidos" para Sul Global para encaixar em circunstâncias globais atualizadas. Ainda há, para mim, um grupo de países, antigas colônias ou quasi-colônias, em diversos estágios de crescimento econômico, ainda que se desenvolvendo, países que foram negligenciados tanto nas ri quanto nas RI, e esses são os países em que eu foco o meu trabalho. Claro que não se pode enfatizar a dimensão territorial sem, concomitantemente, considerar a tendência de esfacelamento de fronteiras, o movimento de pessoas e ideias através das fronteiras e de questões não materiais de identidade, ideologia e cultura, mas, para mim, você precisa começar a partir do entendimento do papel histórico que a África, a Ásia, o Oriente Médio e a América Latina e o Caribe têm nas relações internacionais, daí trazendo tudo isso para o atual mélange, jamais perdendo de vista a busca por agência e voz do Sul nas relações internacionais.

Por que Relações Internacionais do Sul Global ao invés de Relações Internacionais Globais?

Eu não questiono a intenção geral das Relações Internacionais Globais. O conceito busca falar de inclusão e diversidade nas RI. O que eu tenho é uma questão de uso da língua, no sentido de que se esteja assumindo que as Relações Internacionais, ou seja, o estudo das relações entre as nações, é, por sua própria natureza, GLOBAL, mas presumo que essa seja a exata questão das Relações Internacionais Globais: elas dizem que as RII não são realmente internacionais já que são concentradas somente em algumas nações. Eu tenho esperança de que a intenção seja, no fim das contas, ter uma nova RI, sem ter que adicionar o "global". De qualquer forma, eu considero que meu foco esteja no dentro da agenda das Relações Internacionais Globais, e que ele seja denominado Relações Internacionais do Sul Global. Esse termo se refere a relações internacionais que sejam de países do Sul Global, que envolvam países do Sul Global e que se centrem em países do Sul Global. Sendo alguém do campo das RI há 50 anos, eu ainda acredito em dois elementos da constituição do Sul Global: o primeiro é que esses países têm agência, ou seja, têm suas próprias concepções de sua própria importância e

CC BY NC SA

de seus interesses, ainda que saibam que estão sempre operando na desvantagem diante da hierarquia global; o segundo é que esses países têm lutada desde suas independências para serem levados a sério na política internacional, para ir além de serem apenas aliados úteis ou alvos das maquinações das grandes potências, e eles aspiram à igualdade de voz nas ri. Como parte disso, claro que eles têm lutado para não serem colocados nos degraus baixos da hierarquia global, o que tem significado atingir desenvolvimento sustentado e fortalecimento político e, sim, militar se necessário. Ao focar em Relações Internacionais do Sul Global, também se olha para o que une essas antigas colônias, ao invés de olhar para o que as divide. Sim, países e regiões são diferentes, mas eles compartilham o desejo de serem bem sucedidos de uma determinada forma, concentremo-nos em quais estratégias eles usam em comum (o multilateralismo, por exemplo).

Você chegou a Professora titular e hoje é Professora Emérita da CUNY, uma universidade que recebe diversos estudantes do Sul Global. Além disso, você fundou o Global South Caucus da International Studies Association, e você é originalmente de Trinidad e Tobago. Você tem muita experiência construindo pontes entre o Norte Global e o Sul Global na Academia. Por que você abraçou este desafio? Qual é o principal aprendizado depois de tantos anos neste papel?

Eu venho de um país pequeno, então meu foco nas RI (que era um campo novo na minha universidade de origem na década de 1970 e, no meu caso, meu programa era um projeto de cooperação iniciado pelo Instituto de Estudos Internacionais de Genebra) sempre foi nos países com menos vantagens – nos países com muito menos vantagens no meu caso, porque eu estava estudando o que na época eram chamados micro-Estados. Naquela época, em função da natureza do meu programa, eu também tinha uma visão íntima acerca da importância de se ter boas estratégias diplomáticas e pessoas bem treinadas para promover e colocar em prática essas estratégias. Eu ainda acredito que acadêmicos como eu, que se mudam para o Norte para continuar seus estudos e para fazer carreira, mas que não perdem a conexão com o Sul, deveriam sentir-se responsáveis em trazer as ideias e as percepções do Sul para o Norte, e isso é o que eu fiz. Eu comecei aqui absorvendo tudo sobre como as RI são ensinadas no Norte, incluindo as metodologias e as epistemologias que prevalecem, tentando aplicá-las ao meu

CC BY NC SA

estudo regional. Com o passar do tempo, eu superei os imperativos da carreira, como as regras de promoção, em um campo dominado por abordagens do Norte, e então eu pude expandir minhas próprias perspectivas que sempre incluíram uma alta dose de anti-colonialismo, de teoria anti-modernização, etc.

Lecionar em uma universidade que tem estudantes do Sul Global ajuda no sentido de você poder debater acontecimentos e abordagem que, de outra forma, não seriam interessantes ou compreendidos por estudantes de outros lugares, no meu caso no Arizona e em Ohio [por onde ela passou], mas não se engane os alunos de Nova York também se mostraram desafiadores. Os alunos mais radicais são mais interessados em sociologia, antropologia, estudos étnicos, raça, história, certamente não em RI, que foi descrito para mim lá no começo por um professor de estudos étnicos como um campo para homens brancos e conservadores (então, por que se aventurar?). Até na Associação de Estudos Caribenhos, que eu presidi nos anos 1990, nunca houve um interesse expressivo em RI, embora muito do que a Associação abrangia poderia ser incluído em estudos internacionais, especialmente em seu aspecto cultural. Ao longo do tempo, especialmente no período mais recente, o campo das RI se tornou mais acolhedor para ideias alternativas. Estudantes no nível da pós-graduação estão agora pedindo mais aulas sobre perspectivas não-Ocidentais e ajuda para engajarem-se em pesquisas não-Ocidentais. Ainda assim, eu não diria que houve um tremendo progresso em termos de mudanças no currículo, por exemplo. Apesar dessas deficiências, eu continuei fazendo o que eu fiz ao longo dos anos. Fundar o Global South Caucus na ISA foi parte desse esforço. Eu havia servido como representante da ISA para as Nações Unidas por mais de 10 anos e nas Nações Unidas você pode contar com uma percepção de que o mundo acomoda preocupações não-Ocidentais. Ao fundar o Caucus, eu fui movida por uma compreensão de que o "problema" do Sul Global nas RI era multifacetado: havia o campo em si, um campo que ignorava muito do que estava acontecendo no "resto"; e havia escassa recompensa acadêmica para ser um acadêmico não-Ocidental – fazer pesquisa que compromete as chances de contratação e de promoção e ter estudantes que não ficam satisfeitos em ter professores que não são estadunidenses ou europeus. A ideia inicial do Caucus era lidar com esses e outros temas via networking, mentoria, abertura de espaço para painéis e mesas redondas sobre regiões específicas nas conferências, além do encorajamento dos membros a publicarem e do compartilhamento de publicações dos membros.

A única forma de ser bem sucedida nessas empreitadas é ter muita resiliência. É necessário persistir e ter astúcia em manobrar se nós, pesquisadores não-Ocidentais, vamos conseguir empregos e manter nossos empregos no campo das RI. E aqueles que são bem-sucedidos

CC BY NC SA

precisam servir como mentores para acadêmicos mais jovens, encorajá-los a seguir trabalhando sobre o que desejam de uma perspectiva do Sul Global, mas estar consciente de que as abordagens tradicionais e predominantes também precisam ser de seu conhecimento. Não se pode criticar o que não se conhece.

Como uma mulher negra cuja carreira se desenvolveu numa era em que à inclusividade não era auferida a importância que hoje ganha, quanto progresso você acredita que o campo de fato atingiu? Como você vê a concentração de oportunidades em pessoas do Sul Global que se identificam como brancas ou que são com frequência nativos na língua inglesa?

Diante de todas as adversidades da área, adiciona ser negro ao mix e todos os desafios crescem. RI, e a academia dos Estados Unidos como um todo, continua a ser dominada por acadêmicos e acadêmicas brancas. Aqui vai minha percepção sobre minha própria universidade: números de três anos (2017-2021) sobre diversidade na CUNY (um sistema universitário que está, em geral, tendendo a ser bastante latino em termos de seu corpo discente localizado em por volta de 20 campi) mostram que 18.5% dos professores são negros, 10.5% são hispânicos e 14.6% têm etnias da Ásia e do Pacífico. Isso não é alto para uma universidade cuja maioria do corpo discente é de pessoas não-brancas. Além disso, somente 7 dos 121 professores eméritos são negros, enquanto somente são negros 180 Professores de 2.207 e isso inclui professores visitantes, substitutos e pesquisadores. Se você olhar ainda mais de perto, você vê que os professores negros estão concentrados em alguns colleges (são ao todo 20 colleges) e, olhando ainda mais de perto, você verá que estão concentrados em certos departamentos e programas(https://www.cuny.edu/about/administration/offices/hr/recruitment-diversity/statistics-and-reports/; os departamentos e programas não estão incluídos nas estatísticas desse relatório). No meu caso, eu sou a única docente negra no meu departamento há mais de 35 anos. Quando eu me tornei professora titular em 1992, parece que eu era uma de um punhado de mulheres negras que eram professoras titulares de acordo com relatório da American Political Science Association (APSA). Eu não acho que haja tantas mais atualmente. Inclusive, dados recentes da APSA mostram que menos de 5% de seus membros consideram-se negros (https://www.apsanet.org/Portals/54/diversity%20and%20inclusion%20prgms/DIV%20reports/APSA%20Dashboard%20Data%20report%20-%202020%20.

pdf?ver=2020-07-13-002957-530). Eu não consigo encontrar números comparáveis para a ISA, mas posso imaginar que devem ser ainda menos em RI. Então, isso responde a pergunta de vocês sobre quanto tivemos de progresso: muito pouco.

Eu não posso falar especificamente sobre a concentração de oportunidades em pessoas do Sul Global que são brancas. O fato é que a academia nos Estados Unidos é dominada por pessoas brancas como um todo, e isso inclui, aliás, europeus que atravessam o Atlântico para empregar-se. Um desafio para nós acadêmicos do Sul Global tem sido o de que pesquisadores brancos de fato têm interesses globais, especialmente em política comparada, e, historicamente, frequentemente têm vantagens para empregar-se em relação a nós que viemos da África, da Ásia, da América Latina, a não ser que estejamos falando de departamentos de estudos étnicos. De fato, tendo estado em muitas bancas de contratação, aqueles que falam inglês fluentemente serão contratados na frente daqueles que não falam. Eu já inclusive vi alunos reagiram negativamente a sotaques que eles consideram difíceis de entender, então as bancas de concurso estão preocupadas com isso. Tudo isso sugere que pessoas brancas que falam inglês, de fato, são favorecidas pelas bancas de concurso no nosso campo, não necessariamente em Engenharia, por exemplo, em que habilidades puras superam a questão do sotaque. Claro que isso tem a ver com pessoas brancas contratando pessoas brancas por motivos de familiaridade racial ou potencial corporativismo. Uma pessoa branca do Sul Global que está fazendo pesquisa não-Ocidental pode ser vista como mais familiar do que uma pessoa negra ou uma pessoa latina não-branca fazendo o mesmo trabalho. Eu observo que, sim, latinos brancos tendem a se inserir melhor do que os demais.

Pesquisas já mostraram que é menos difícil publicar em revistas científicas associadas à Web of Science se você escreve sobre temas geopoliticamente relevantes para o Ocidente e se usa lentes ocidentais. Você tem larga pesquisa sobre a política exterior de pequenos Estados. Como você superou essas barreiras?

Sim, é difícil publicar nas principais revistas científicas se você não aplica metodologias tradicionais e se não aborda temas de interesse do Ocidente ou de pesquisadores ocidentais. Minha pesquisa sobre o Caribe sempre teve como destino revistas científicas regionais, embora, por sorte, haja algumas poucas excelentes revistas científicas latino-americanas que na época eram publicadas nos Estados Unidos (por exemplo, o Journal of Inter-American Studies

and World Affairs, e a Latin American Research Review), e a banca para professora titular e para promoção gostava de ver essas publicações. Algumas outras revistas científicas, como a American Journal of International Law, que lidava com alguns temas que eu estudava (disputa fronteiriça entre Venezuela e Guiana) não eram regionais. Eu tive pouca sorte com revistas científicas da ISA e da APSA. Os editores e pareceristas sempre reagiram negativamente quando eu abordava aspectos como o potencial para cooperação econômica entre nações em desenvolvimento ou sobre o papel adverso das instituições financeiras internacionais, ou sobre teorias da dependência, etc. A Third World Quarterly ajudou quando ela começou, mas inicialmente ela não tinha um alto fator de impacto. Consequentemente, voltei meu foco para livros quando as editoras passaram a me procurar, especialmente já que não havia muito publicado sobre os temas que eu estava interessada em ensinar. Então, nesse sentido, eu comecei publicando o livro Interpreting the Third World e continuei depois disso.

Claro que há muito mais dificuldades hoje em dia, em decorrência da ênfase em pouquíssimas revistas científicas de alto fator de impacto. Quando eu estou em bancas para promoção de pessoas que não são dos Estados Unidos, essas pessoas quase sempre destacam exatamente o quanto elas publicaram em revistas científicas de alto fator de impacto. Para mim, a qualidade do artigo é muito mais importante, então eu dou uma amenizada em somente os dados de fator de impacto, mas a realidade é essa. Como parecerista de algumas dessas revistas da alto fator de impacto, eu diria que há hoje boas oportunidades para abordagens não-Ocidentais, mas é importante entender que tipo de artigo a revista está procurando, é importante usar metodologia sólida e convincente, qualquer que seja, e escrever com coerência, além de usar bastante dados e de oferecer embasamento histórico. Eu também ainda recomendo escrever bastante em revistas científicas regionais, publicar capítulos de livros, etc. Afinal de contas, é o todo do trabalho que torna a pessoa bem-sucedida e conhecida, não é somente UM artigo em uma revista científica de alto fator de impacto.

CC BY NC SA